



Sinagoga Sem Fronteiras

Parashá - Chúcat

Números 19:1-22:1

במדבר - חקת

A Parashá Chukat (חקת) apresenta um dos episódios mais curiosos e complexos da Torá - o sacrifício da vaca vermelha. Durante o meu estudo pessoal, anterior à aula do Rabino Gilberto Ventura, surgiram diversos questionamentos a respeito dessa curiosa mitzvot e seus motivos, pois, aparentemente, seu significado ou propósito não poderia ser compreendido pela inteligência humana. Afinal, por que um sacrifício dessa forma? Por que a vaca deveria estar livre de jugo e, ainda, por que vermelha?

Durante o estudo da Torá, muito frequentemente, ficamos apegados às figuras e situações apresentadas, de tal forma que o real significado acaba por ser deixado de lado. Os livros religiosos sempre são mais profundos do que o significado visível nos mostra, existem diversos ensinamentos ocultos. O sentido está muito além da camada de tinta e do papel. Por esse motivo, devemos ter cuidado com as perguntas feitas, focando no que importa, para, enfim, chegarmos ao coração do texto, o que ele nos quer dizer através de símbolos, palavras, enigmas ou imagens. Esses elementos sempre querem nos comunicar algo.

Com a Parashá Chukat (חקת) não poderia ser diferente, mais uma vez a Torá se utilizou de símbolos. A vaca vermelha busca nos remeter a algo maior. Sua cor de sangue faz ligação com a cor vermelha da terra, elemento com o qual temos uma ligação direta. Na terra ocorre a fertilização da vida biológica e, também, a ela nosso corpo retornará após a morte. As cinzas e o pó possuem uma ligação com a finitude da vida, como um constante lembrete da mortalidade do corpo humano, lembrando que esta existência passará, cedo ou tarde. A simbologia do fardo representa a vida em seu estado de vitalidade plena, sem o cansaço corriqueiro. O desequilíbrio de nossas energias pode levar à desesperança, ao desânimo, à prepotência e tantas outras consequências da má utilização de nossa força vital.



Neste mundo material, repleto de prazeres, distrações e sofrimentos, de um instante para o outro as situações podem ser invertidas. O prazer pode se tornar dor, a tragédia alegria. Um possível caminho diante de tantas incertezas da vida é o apego às coisas frágeis, que muitas vezes são contraditórias. Podemos recorrer ao prazer, como bem supremo da vida ou, ainda, a crueldade cega e tantas outras respostas insuficientes às questões mais sensíveis da vida. Podemos recorrer às imagens frágeis do mundo, entendendo como solução, fazer do conhecimento não uma ponte para a sabedoria, mas para a arrogância. Como se não bastasse, ainda é possível o cultivo de um ressentimento em relação ao universo, que, em um primeiro momento, parece-nos indiferente.

Muitos povos e pessoas do mundo recorreram aos maus remédios apresentados anteriormente. Em certos momentos duros, era como se a vida estivesse ausente do mundo. O Povo Judeu sabe bem disso. No entanto, mesmo em meio à morte, dor, doença e injustiça, alguns indivíduos foram capazes de agir contra a “lógica comum”, reafirmando antigas verdades passadas pelos ancestrais.

Estes indivíduos corajosos reafirmaram a natureza sagrada da vida, fizeram da fé um centro de cura para aqueles que estavam desacreditados, recorreram à justiça mesmo em meio ao caos. A luz de suas vidas e ações brilharam e continuam a brilhar, iluminando a existência de muitas outras pessoas.

Ainda, esses indivíduos corajosos, que nos servem de exemplo, constantemente buscavam lembrar da real essência de cada ser humano, do que existe no interior. Perguntavam - quem sou? Qual o meu rosto, meu verdadeiro eu, que existia antes mesmo do nascimento? Possui forma ou nome? Qual sua natureza? No final das contas é impossível responder nessa existência com clareza. Apesar dessa barreira decorrente da vida material, estavam conscientes da centelha da vida, que dá sentido para cada ação e mudança positiva nesse mundo.

Por fim, o simbolismo da vaca vermelha busca evocar dentro de cada um de nós uma profunda conscientização a respeito da vida, da existência e do rumo que tomamos. Nessa busca pela vida plena, não podemos cair em extremos. A Torá se vale dessa genial simbologia no intuito de penetrar nossos pensamentos, de modo a introjetar o real e importantíssimo sentido que guiou e guia o Povo Judeu há séculos.



A plenitude da vida depende da dosagem meticulosa e contínua de vitalidade e, essa mesma vitalidade, deve permanecer em todos nós, mantendo nossa existência consciente de uma realidade maior. Da mesma forma que as palavras da Torá ecoam e transmitem algo aparentemente oculto e valioso, nossos corpos e existências devem ser como receptáculos para o sagrado, de modo que sejamos catalisadores e reprodutores de uma realidade maior.

Daniel Camargo

***Texto inspirado na aula do Rabino Gilberto Ventura sobre a Parashá Chucát**